

decretos e portarias, emfim, um inferno de cousas para que 56 irmãs de caridade podessem deixar o paiz ingrato dos lusos, accusadas simplesmente, notem bem os leitores, *por educarem de mais* umas pobres crianças do povo!

Mas, tambem, leitor, pareceu praga — o paiz nunca mais logrou ter boa saude!

Nós felizmente estamos n'outro caso.

Se por ahí, uns estonteados se têm lembrado de trazer a publico uns insignificantes mysterios d'estas filhas dilectas de S. Vicente, tudo tem sido victoriosamente defendido pelas boccas authorisadas e inspiradas dos Zacharias, dos Candidos Mendes, dos Tarquinios, dos Leandros e dos Ludgeros. Por isso o meu coração quasi se não assusta d'estes degenerados filhos do catholicismo.

Permitta o leitor que lhe dê uma ideia clara, positiva e fiel do viver das irmãs de caridade.

\*

Estas filhas da humanidade são umas angelicas criaturinhas que semelhantes ás andorinhas do Senhor não tem patria, nem familia, nem amigos, nem ninguém, isto é, tem apenas em Pariz o superior de S. Vicente de Paula.

Conservemos pois por alguns momentos os olhos fitos n'essas bohemias da fortuna; estudemos-lhes a lividez do rosto, a morbidez dos olhos, o descarnado das faces... pobres filhas!..

Eil'as a professar: — de um lado está a mãe carinhosa banhada em lagrimas, verdadeira Niobre de dôr, o pai que a custo reprime as lagrimas que lhe querem afogar a palavra, as extremosas irmãs abraçadas umas ás outras que confundem em côro lace-rante os seus soluços, o irmão que chora em silencio, os amigos da familia que assistem commovidos á cerimonia e até os indifferentes que silenciosamente se encaram; — do outro lado está o altar com o sacerdote em frente ambos, silenciosos e frios.

Está terminada a cerimonia: — a neophita despede-se do pai, da mãe, da familia, das amigas com os olhos enxutos, com as mãos geladas, com o coração de marmore: — é nobre de heroismo; é já filha de S. Vicente.

\*

Eil-a de rosario preso ao cilicio a correr mundo, a expatriar-se, a buscar os hospitaes, os collegios estabelecidos, a humanidade desprotegida.

Ahi a tens em frente d'um infeliz que morre, não tanto pelas dôres do corpo, mas pelas dôres da saudade mil vezes mais insoffríveis. — Encara esse infeliz que chora pela patria, que está longe, pela mãe, esposa, filho que lá deixou; vê que pede umas consolações a quem saiba comprehender dôres semelhantes, e que encontra uma mulher funebre, sinistramente vestida, fria, hirta, ministrando-lhe ás horas precisas o receituário, simbolicamente, methodicamente, sem dizer uma palavra, sem corresponder áquelle olhar afflictivo, que a sua alma não comprehende porque não foi esposa, porque não foi mãe, porque não foi irmã, porque não foi amiga.

Mas que importa, se a sua missão é aquella!

\*

Estudemol-a ainda ao lado do medico.

E' a hora da operação. Os preparativos estão em ordem, o paciente resignado a soffrer a amputação de um braço. A irmã de caridade é a enfermeira, o medico sabe o que ella vale. Faz-se a operação, o doente estorce-se com dores incomportaveis, todos se contristam d'aquelle espectáculo, o proprio medico enruga a testa, — só a irmã impassível, impertubável, verdadeiro automato — parece nada entender do que se passa em torno de si: — nem uma palavra de compaixão ou consolo, nem um sorriso

meigo, nem um olhar compassivo! E' aquillo, sempre sinistro, sempre atterrador!

Mas, se são anjos da caridade!..

E depois que mãe haverá que não lhes confie a educação dos seus mimosos filhos, dos filhinhos que ella ensinou com beijos de amor e carinho a balbuciar essa proce sublime de fé ao Deus de misericordias? Quem? Que importa que essas pobres crianças saiam d'uns braços ternos para uns braços descarnados e sem vida? Que importa que em vez de carinhos, tenham a rispidez austera d'uma devoção fanatica? Que importa?!

É por isso, leitor, que eu as venero e admiro.

Bem sei que as verdadeiras consolações aos que soffrem só se podem esperar de quem já soffreu e lutou; bem sei que de mulheres que romperam com as mais puros affectos, sem que uma lagrima de saudade lhes humedecesse as palpebras, nenhuma palavra de resignação pôde esperar o infeliz que expatriado geme n'um câtre d'hospital; bem sei que a mulher que não foi amada, que não foi esposa, que não foi mãe, que não experimentou estas grandes sensações, com os seus gosos e contrariedades e provações, pouco pode dizer diante do infortunio da orphandade, da viuvez, da miseria, bem sei; mas quem ousará disputar-lhes a auréola de mystica maceração, da santidade pela immortalidade da alma?

Não, Caipira, tu não és nem justo, nem sensível, nem religioso — Revoltas-te contra umas futilidades, que pouco exprimem, e deixas as grandes virtudes na sombra do esquecimento.

Não senhor: as irmãs são uns grandes auxiliares da companhia de Jesus, e eu sou admirador da companhia de Jesus: expulsar aquellas ou expulsar esta é uma crueldade sem nome. A Allemanha e Portugal, bem como o mano Philippe, não tem razão alguma — Negar os altos serviços que estas duas desinteressadas instituições têm prestado ao progresso — é negar brilho ao sol, ao Sr. C. Mendes — juizo.

Nos paizes onde Loyola ou Paula puzeram pé, é adiantamento certo — Senão, veja-se o Paraguay!

Não, senhor: justiça a quem a tem — Eu sou pelas duas amadas instituições.

\*

Leitores; o meu fim está preenchido, a causa das irmãs mais uma vez triumphou.

Se estas queridas filhas me quizerem presentear — eu não serei ingrato.

ANNEQUIM.

## VENUS E EU

D'essas comparações que a troche-moche  
Do romantismo o genio cá nos trouxe...

B. GUIMARÃES.

Ao nascer d'alva, quando a luz irrompe  
No céu, e a Noute a escuridão arruma,  
Surjo da nuvem — dos lençoes de linho,  
Bem como Venus — dos lençoes d'espuma;

Ella, aljofrada pelos pingos d'agua  
Na tez luzente do moldado peito,  
Eu, sob o influxo do cruel aconito,  
Suando em gottas do calor do leito.

Venus, no dorso do elemento salso  
Vela os contornos... em total nudez!  
Eu, sob a concha de sapé do tecto,  
Conchego ao dorso o sobretudo inglez.



Ella, córando de vergonha e os rozeos  
Labios transidos da salsugem fria ;  
Eu, bocejando de preguiça e tédio,  
Boca travada do amargor da azia.

Ella, com medo aos *Dons Juans* marinhos,  
Meros, Camellos. ... (que sensata moça!)  
Eu, com receio que devore a *critica*  
« As trovas simples do cantor da roça »

Venus, nas formas seductora ; lubricas,  
Revela o typo do ideal do bello ;  
Eu, na magreza da estrutura ossea,  
Mostro que soffro... o que soffria *Stello*.

Depois a deusa, de Morpheu nos braços  
Vôa serena na amplidão infinda :  
Eu... *por motivos que direi ao Bispo*  
Volto ao meu leito e vou dormir ainda.

EZEQUIEL FREIRE.

## CÁ E LÁ...

Temos noticias fresquinhas da França e capazes de fazer virar o toutigo ao Ribeirinho-gordo, por exemplo, — um dos mais sympathicos e rotundos typos republicanos do meu conhecimento.

A assembléa nacional substitue Thiers pelo general Mac-Mahon, creatura da particular afeição de todos os partidos monarchicos, e as differentes côrtes da Europa mandam logo saudar o novo sol, que desponta no horisonte, ao som de foguetes e á luz de luminarias !

A estas horas, talvez, procura-se um rei, um ente que valha mais do que Thiers pela sua origem *divina* mas que valha menos pela sua intelligencia ás vezes alphabetica.

E o que fez o partido republicano da França perante uma crise tão séria ? Esperou que o chamassem e votou !

Fez o mesmo que a maior parte dos nossos deputados cujo talento se revela por duas brilhantes faces: — recebem pontualmente o subsidio, e votam !

O grande caso é que a França de Thiers é hoje a França de Mac-Mahon, e amanhã será o imperio e o throno de algum pequeno Napoleão, cahido na decadencia como o celebre rei *Zanguizarra da Flôr de Maio*, que nas horas vagas limpava com uma escova de unhas a sua deslumbrante corôa de pechisbeque, que já tinha offuscado a vista de seus subditos, antes da sua queda.

Com a sahida do presidente da republica baixaram os fundos publicos.

A razão é muito plausivel — é por que nos fundos, houve mais lealdade e mais honra do que na Assembléa Nacional: — Subiram emquanto o presidente subia, e desceram quando elle desceu.

Cá e lá más fadas ha, era o titulo d'este artigo se não fosse tão comprido. E com este titulo eu pretendia approximar por um momento as politicas de lá e as politicas d'aqui.

Era possivel por exemplo, que me lembrasse já e já de dizer que o partido liberal faz o sacrificio enorme de sustentar o Sr Zacarias como chefe do partido unicamente para que os fundos publicos não *se abalem*.

Quem não ha de louvar este nobre procedimento da *Reforma* ?

O que quer a *Reforma* ? Vejamos se não é isto : — o triumpho das idéas liberaes, por que d'ellas virá a liberdade de acção, a liberdade de pensamento e de consciencia, o desenvolvimento de todas as actividades nas industrias, no commercio e na agricultura, porque d'ellas virá enfim a riqueza nacional e a alta das apolices.

Mas o Sr Zacarias chefe do partido liberal não está de accordo com a liberdade de consciencia, e em vez de querer colonos para amannhar a terra, quer jesuitas para propagarem a moral de Molina, e irmãs de caridade para... educarem esta sociedade corrompida, e ás quaes se deve a graça de impedirem que sobre nós tenha já cahido a condemnação de Gomorrha.

E n'estes casos, depois de muito raciocinar, depois de muitas insomnias pude comprehend-r a razão porque o Sr Zacarias continua a ser chefe dos liberaes, e por que a *Reforma* o tem em seu seio.

Sim, senhor, é uma lembrança bem achada, é uma subtiliza digna das mais sagazes politicas.

A *Reforma* tem no seu gremio o Sr Zacarias com uns fins, que só lembram ao diabo. O primeiro é ter comsigo um jesuita que poderia ser perigoso nas araiães contrarios: o segundo é andar sempre bem informado do que pensa o Papa, do que pensam os Bispos, e dos manejos de todos os jesuitas, *à robe longue et à robe courte*.

Agora comprehende-se os serviços prestados pela *Reforma* ao progresso e liberdades patrias.

PEDRO MALLAS ARTES.

## SALPICOS

O que é a gente saber com quem lida !

Sabbado passado tive eu a prudencia de me não pronunciar a respeito da companhia lyrica, esperando a opinião da *Vida Fluminense*, para fazer d'ella a minha musa inspiradora.

Ahi é que eu fui alho. O collega sahuiu-se, conforme a previsão cá do Degas, com um erudito artigo sobre o *spartito* da companhia e a *tessitura* do Sr Curti. Aquelle meu collega, em musica, é forte como um trombone.

E d'ahi, está no seu direito. Faz erudição, é porque póde. Eu não faço o mesmo porque tenho a felicidade de não ser sabio, de não distinguir um dó-de-peito d'uma botija d'agua de Seltz.

Quanto á companhia, não se póde dizer que é propriamente a melhor do mundo, mas tambem não se póde querer impossiveis.